

Entre ‘-ismos’ e ‘abismos’: contribuições das aulas de História do Pensamento Geográfico na construção de um sentido formativo da Geografia

Bruno A. Ribeiro¹, Fabrícia de O. Santos², Andressa A. Souza³

1. Discente de IC da Universidade Federal de Sergipe - UFS; *ribeiro.pensador@gmail.com

2. Docente do Depto.de Geografia - DGEI, Universidade Federal de Sergipe - UFS, Itabaiana/SE.

3. Discente da Universidade Federal de Sergipe – UFS, Itabaiana/SE.

Palavras Chave: *aulas, História do Pensamento Geográfico, rupturas*

Introdução

O resumo que segue tem como pressuposto inicial, a importância que as aulas de História do Pensamento Geográfico (HPG) possuem, como instrumentos de ruptura e desconstrução de estereótipos sobre a ciência geográfica; em destaque, para aqueles que ingressam na instituição de Ensino Superior com uma definição de Geografia reduzida a mapas cartográficos, globos, dados estatísticos, trabalhos de campo e definições de caráter memorizador de elementos físicos da superfície terrestre. Desse modo, objetiva-se compreender com o presente trabalho, como a leitura, fichamento e discussão de textos teórico-metodológicos orientados durante a disciplina, bem como, vídeo-documentários apresentados e seminários propostos estiveram atrelados à formação inicial de geógrafos críticos para com a própria área de estudo.

Resultados e Discussão

A partir de relatos fornecidos por discentes do Curso de licenciatura em Geografia, do Campus Universitário “Professor Alberto Carvalho”, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), depreende-se que, a História do Pensamento Geográfico, ao mesmo tempo em que é adjetivada como ‘temida’ e ‘complexa’, se constitui em um importante exercício de reflexão sobre como a ciência geográfica nos distintos contextos históricos, sendo assim, para o entendimento de reducionismos (ciência que estuda a superfície terrestre), dualismos (Geografia Humana e Geografia Física), e, até mesmo, os pessimismos da sociedade para aquele que se diz geógrafo (O que faz? Para que serve? Qual a importância?). Entre ‘-ismos’ e ‘abismos’, compreende-se que a geografia é escrita na história (CONCEIÇÃO, 2012). Desse modo, a meta da História do Pensamento Geográfico, de acordo com Moraes (2005), não pode ser reduzida à leitura de geógrafos propriamente ditos, pois a análise de temas geográficos também se faz em outras representações discursivas, a citar, os discursos políticos, a literatura, e demais disciplinas acadêmicas (MORAES, 2005; 2007).

As leituras para os ‘calouros’, em um primeiro momento, se apresentavam distantes daquilo que se considerava Geografia para os discentes, com autores ‘desconhecidos’, e temas que nada se assimilavam com os mapas, globos, trabalhos de campo, dados e definições que se esperava estudar. Um verdadeiro ‘choque’ de realidade, que provocou ‘estranhamentos’; mas também, um passo inicial para se pensar o próprio campo de investigação como um conjunto de saberes, teorias, conceitos, categorias e métodos que variam, a depender do contexto histórico, espacial e filosófico considerados.

Com o perpassar das aulas, Alexander Von Humboldt, Carl Ritter, Vidal de La Blache e Friedrich Ratzel tornaram-se recorrentes nos debates e entendimentos explicitados em sala, mas também, nas discussões cotidianas entre os próprios discentes, preocupados em compreender o sentido crítico e formativo da Geografia, de ajudar os seres humanos a entenderem o mundo em que vivem (MORAES, 2008).

Conclusões

Conclui-se, portanto, que a História do Pensamento Geográfico, disciplina introdutória do Curso de Geografia, se constituiu (e constitui) em um exercício inicial de se pensar o próprio campo de atuação como práxis social, ou seja, de possibilitar a visão e a interdição das/nas contradições vigentes no tempo e no espaço (CONCEIÇÃO, 2016).

Desse modo, a metodologia aparentemente simples, composta por leituras, apresentação e fichamentos de textos, não deve ter sua importância desvinculada; pois, cada vez mais, o conhecimento geográfico é apresentando como um saber inútil, tornando-o desinteressante para a maioria das pessoas, e retirando o caráter ‘libertador’ de se saber pensar o espaço (MORAES, 2007).

Agradecimentos

Como agradecimentos: à professora Fabrícia de Oliveira Santos, a quem nos apresentou a Geografia; ao Grupo de Pesquisa ‘Das minas de prata a outros interesses: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana – fontes e temas relativos à formação de seu território’, que continua a desatar as ‘amarras’ e as ‘barreiras’; aos discentes da turma 2013.2, do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana; e aos docentes do Departamento de Geografia (DGEI), que perpetuam a empreitada de formar geógrafos.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. A natureza social do discurso geográfico. *Terra Livre*, São Paulo, ano 28, n. 39, pp. 19-35, jul./dez. 2012.

_____. Usos e abusos do conceito de território. 1ª roda de conversa do LATER. In: I Colóquio de Estudos Territoriais, São Cristóvão, fev. 2016.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152p.

_____. *O Sentido Formativo da Geografia*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2008. p. 1-12.

_____. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005. 154p.